
MÉSZÁROS, István. *A Crise Estrutural do Capital*. Trad. Francisco Raul Cornejo [et al.]. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009, 133p.

Caio Antunes¹

É de Mészáros a forte afirmação segundo a qual “a grande crise econômica mundial de 1929-1933 se parece com ‘uma festa no salão de chá do vigário’ em comparação com a crise na qual estamos realmente entrando”. O que de fato surpreende é que tal frase, que abre seu livro *A Crise Estrutural do Capital*, foi pronunciada pouco tempo antes do histórico maio de 1968 francês.

Neste pequeno e denso volume de István Mészáros, o público brasileiro encontra compilados ensaios que de algum modo tratam da problemática da crise – esta mesma crise, que deixou ‘atônitos’ e ‘embasbacados’ os apologetas e ideólogos de plantão do capital, que tão tranquilamente (ou quase) repousavam sobre os túmulos da História e da Ideologia.

Mas a categoria que dá nome ao livro necessita ser compreendida em sua totalidade analítica. Seu conteúdo, ou sua ‘substância social’, aponta para o fato de que, diferentemente das crises anteriores do sistema – que puderam ser todas elas resolvidas, por mais tempestuosas que possam ter sido (a de 1929-1933, por exemplo), dentro dos limites do capital – no interior de uma crise estrutural, o capital enfrenta seus próprios limites.

As saídas imediatamente utilizadas pelo capital em crise decorrem diretamente de sua contradição primordial – o irreconciliável antagonismo entre capital e trabalho – e se manifestam na brutal intensificação das taxas de exploração, elevadas a níveis cada vez mais desumanos, e da “mais destrutiva lei do capital, que de início o trouxe à existência: a taxa de utilização decrescente” das mercadorias².

Tal movimento do capital, além de toda a reificação que necessariamente promove, tem um duplo impacto devastador sobre toda a humanidade: desemprego estrutural crescente em escala global (que atinge até mesmo os países onde o assim chamado Estado de Bem Estar Social logrou efetividade) e devastação incontrolável e inevitável do meio ambiente (tanto do ponto de vista da exaustão dos recursos naturais de nosso planeta quanto da imensa quantidade de lixo necessariamente gerada) – fato, aliás, já apontado por Mészáros desde 1971.

Mas o componente crucial do ‘êxito’ do capital em superar suas crises anteriores foi a guerra – ou, conforme enfatiza Mészáros, “guerra, fracassam se os métodos ‘normais’ de expansão” – tanto em função dos substanciais cortes no padrão de vida da população (algo voluntariamente aceito dadas as circunstâncias de um Estado de Emergência), quanto da ampliação radical das taxas de lucro e do enorme incentivo tecnológico à economia.

Mas esta ‘exportação da violência’, mesmo nos níveis que temos presenciado hoje, não é suficiente para reverter as catastróficas quedas mundiais das taxas de lucro do capital. E podemos imaginar as implicações humanas de uma Terceira Guerra Mundial³...

Crise estrutural do capital significa, portanto, que, pela primeira vez na história, o sistema sociometabólico vigente “confronta-se globalmente com seus próprios problemas”, e que qualquer tentativa de resolução de tais ‘problemas’ dentro dos limites do capital aproxima a humanidade de sua real possibilidade de destruição, tanto no plano ecológico quanto militar.

Nem mesmo a curiosa maximização do ‘Estado-mínimo’ – em outras palavras, a “nacionalização da bancarrota do capital” – pode surtir efeito duradouro, uma vez que toda e qualquer medida adotada no intuito de ‘revitalizar’ o sistema do capital pode tão somente fazer crescer e intensificar as contradições subjacentes ao próprio sistema. Dito de outro modo: o necessário ao capital para continuar a crescer intensifica as causas das dificuldades e restrições ao seu próprio crescimento.

Eis as razões pelas quais Mészáros insiste, já há quase quatro décadas⁴, na necessidade humana premente da instituição de uma ordem sociometabólica hegemônica radicalmente diferente, que se sustente sobre si própria, sem se esgotar na negação do capitalismo⁵. Muito embora a negação do capitalismo seja uma parte essencial deste processo, especialmente sob as circunstâncias dadas, “para ser bem-sucedida no sentido histórico vislumbrado, a abordagem socialista deve definir-se em termos inerentemente positivos”. Eis o sentido pleno, humano, de avançarmos Para Além do Capital.

Este belo livro, além de uma ferrenha crítica da ordem estabelecida e de seus discursos ideológico-reformistas – o que é, em termos, uma redundância – é uma clara demonstração da apaixonada defesa da humanidade que permeia toda a obra – e a vida – de Mészáros⁶.

Mas toda esta radical e necessária transformação social só pode de fato ser levada a cabo se pautada naquilo que Simón Bolívar chamava ‘a lei das leis’. É tão somente por meio do radical princípio orientador da igualdade substantiva que podemos vislumbrar uma sociedade de produtores livremente associados. “De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades” não pode passar de princípio orientador a prática social de outro modo.

“Eis porque Marx é mais relevante hoje do que alguma vez já o foi”, afirma enfaticamente Mészáros. E, se pudéssemos singelamente acrescentar, também o é István Mészáros.

Notas

¹ Mestrando pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Email: antunescs@uol.com.br

² Em linhas muito gerais: a mercadoria – “a forma mais elementar” de “riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista”, segundo Marx – é composta de valor-de-uso – “uma coisa que, por suas propriedades, satisfaz necessidades humanas”, Marx – e valor-de-troca – “a relação quantitativa ente valores-de-uso de espécies diferentes”, ainda Marx. A “taxa de utilização decrescente”, ou o que Mészáros chamou noutro lugar de “lei tendencial da taxa decrescente do valor-de-uso das mercadorias”, é a tendência de uma mercadoria ter seu tempo de ‘vida útil’ reduzido ao máximo, a fim de que seja muito rapidamente trocada por uma nova.

³ É atribuída a Albert Einstein a seguinte afirmação (em resposta à pergunta sobre que armas seriam usadas na Terceira Guerra Mundial): “Eu não sei com que armas a Terceira Guerra Mundial será lutada, mas a Quarta Guerra Mundial será lutada com paus e pedras”.

- 4 Os textos que compõem o livro *A Crise Estrutural do Capital* foram escritos entre os anos de 1971 (*A Necessidade de Controle Social*) e 2009 (*A Importância do Planejamento e da Igualdade Substantiva e Uma Crise Estrutural do Sistema*).
- 5 Também em linhas muito gerais: capital e capitalismo são, segundo Mészáros, fenômenos distintos. O capital – assim com a produção de mercadorias – antecede em vários séculos o capitalismo – assim como aquela antecede, também em vários séculos, a produção capitalista de mercadorias. Esta distinção conceitual possui implicações práticas cada vez mais cruciais, pois interfere diretamente na meta a ser estabelecida pelo movimento socialista e, portanto, também nas etapas que a ela conduzem. A história já nos mostrou amargamente as consequências de se tomar a derrubada do Estado capitalista ou da produção capitalista de mercadorias como se fosse o rumo certo em direção ao socialismo.
- 6 *A Crise Estrutural do Capital* é dedicado à memória de Donatella – esposa de Mészáros, que faleceu recentemente, depois de mais de cinco décadas de casamento – e “para as pessoas do MST cuja luta pela emancipação ela [Donatella] admirou e apoiou”. O que não está explicitado é que os direitos autorais das obras de Mészáros publicadas no Brasil – e suas últimas obras foram publicadas aqui antes mesmo de serem lançadas na Inglaterra – são doados integralmente ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.